## Códigos secretos

A festa decorria normalmente, com toda a gente bem-disposta, a comer, a beber e a fazer brindes. Enfim, aquelas salas pareciam tudo menos sítio indicado para atividades criminosas.
As suspeitas adensaram-se[1] quando viram Zé Vicente ir ao encontro do empregado que servia as bebidas, dizer qualquer coisa e afastar-se. E adensaram-se porque o empregado acenou que sim, fez menção de se dirigir à cozinha, mas a meio do caminho, com um gesto certeiro de profissional, deu um leve piparote[2] na gola. A joia caiu no tapete, ele empurrou-a discretamente com a biqueira do sapato para debaixo da mesa dos doces. Ninguém viu senão as gémeas.
«É ladrão, é ladrão», pensaram ambas num sufoco e sem saber o que fazer.
O desfecho daquele episódio acabou por ser rápido e muito diferente do que temiam, porque a senhora coçou o pescoço, deu pela falta da joia e ficou aflita.
— Perdi o meu alfinete de brilhantes! Deve ter caído por aí, por favor ajudem-me a procurar!
Houve várias pessoas que se levantaram de imediato, prontas a revistar a sala… O empregado pousou a garrafa que transportava na mão esquerda, simulou a busca e, como sabia muito bem onde estava a joia, apanhou-a e entregou-a à dona com um sorriso afivelado.
Ela desfez-se em agradecimentos.
— Que lata! — disse Teresa entredentes.
— Temos de o denunciar, não achas?
Atrapalhadas e indecisas, continuaram imóveis, de olhos postos no empregado.
— Reparaste na cicatriz que tem no pulso?
— Não.
— Então repara quando ele voltar da cozinha. Vê-se mal por causa do relógio.
Quando voltou, em vez de bebidas trazia cafés e foi entregar uma chávena a Zé Vicente. O receio de que eles pudessem ser cúmplices e estarem a preparar um roubo ganhou força.
— Olha, Teresa! Escorregou-lhe um papel do bolso!
Teresa precipitou-se a apanhá-lo e desarvoraram[3] as duas, porta fora sem planear onde iam.
Só pararam quando se viram sozinhas num recanto que dava acesso à despensa. Desdobraram o papel, de olhar arregalado e respiração ofegante.
— Que é isto, Teresa?
— Parecem códigos.
— E servem para quê?
— Para transmitir mensagens aos cúmplices de maneira que só eles entendam?
— Talvez. Mas, se for para isso, quando o tipo der pela falta do papel vai ficar transtornado.
— Se calhar é melhor devolvermos o papel.
Luísa encaminhou-se para junto do bar onde Zé Vicente se encostava. Fingiu que nem reparava nele, fez pose, a irmã aproveitou e zás, capturou a imagem do rapaz loiro e bonitão de quem infelizmente suspeitava.
— Já está! – informou com um aceno de cabeça. Luísa juntou-se-lhe imediatamente, afastaram-se as duas e largaram o papel onde o suposto bandido não podia deixar de o ver. E viu. Aliás, mal o viu agitou-se, disfarçou a ansiedade, recolheu-o com um gesto rápido e meteu-o outra vez no bolso, tendo o cuidado de o enfiar bem lá para o fundo.
— Pronto. Já não há perigo de confusão ou de tiroteio.

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, *Uma Aventura Voadora*, Alfragide, Caminho, 2020

LIVEWORKSHEETS

Depois de leres o texto, liga de 1 a 6 os momentos da narrativa pela ordem de acontecimentos.

| | |
|---|---|
| 1 | O Zé Vicente vai ao encontro do empregado. |
| 2 | As gémeas saem da festa com um papel onde está um código secreto. |
| 3 | O alfinete caiu. |
| 4 | A festa estava a decorrer com muita normalidade. |
| 5 | O empregado devolve a joia. |
| 6 | A dona da joia dá pela sua falta e pede ajuda. |

LIVEWORKSHEETS